

Festival de Almada 2021: uma edição olhos nos olhos

Colonialismo, Édouard Louis e 50 anos da Companhia de Teatro de Almada em destaque num programa que inclui Ivo van Hove, Josef Nadj e Monica Bellucci

Gonçalo Frota

Não há como lhe fugir. A 38.ª edição do Festival de Almada, a decorrer de 2 a 25 de Julho em várias salas de Almada e Lisboa, será marcada por três factos em simultâneo: o início das comemorações do cinquentenário da Companhia de Teatro de Almada (CTA), o regresso do festival à sua vocação de apresentar nomes maiores dos palcos europeus, e a agilidade adquirida com a recusa, há um ano, de saltar a edição 2020 devido à pandemia e esperar por dias melhores.

Os 50 anos da companhia fundada por Joaquim Benite (1943-2012) em Campolide, Lisboa – que depois, em 1978, se sediaria na cidade onde se mantém até hoje –, dão o mote ao primeiro espectáculo do festival. O *Hipólito* de Eurípides que concederá honras de abertura a Rogério de Carvalho, um encenador historicamente associado à companhia, dialoga com o passado da CTA também através da relação que estabelece com a *Fedra* de Racine que Teresa Gafeira protagonizou em Almada em 2007. A actriz regressa agora à mesma personagem no texto de Eurípides, e tal como em 2007 será dirigida por Rogério de Carvalho.

Na apresentação do festival, ontem, o encenador havia de se referir a *Hipólito* (2 a 4 de Julho, Teatro Municipal Joaquim Benite) como um texto extremamente próximo da criação contemporânea. “A combinação entre textos contemporâneos e *Hipólito* trouxe-me um conhecimento que tento ter como base de trabalho”, disse.

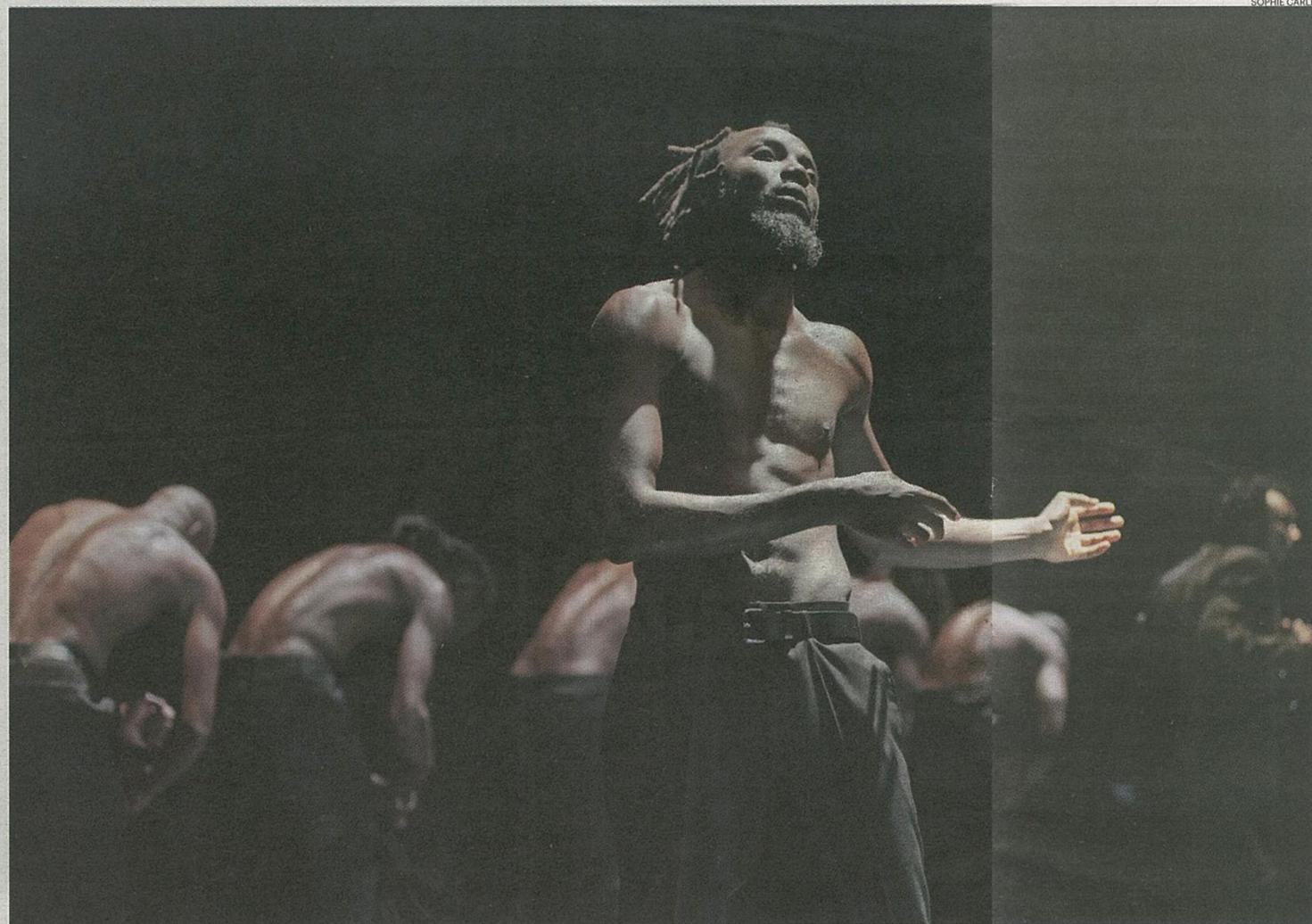
A Rogério de Carvalho caberá ainda a direcção do espectáculo de encerramento, *Lorenzaccio*, de Alfred de Musset, pelo Teatro do Bolhão (23 a 25, Teatro Municipal Joaquim Benite), texto nunca antes representado em Portugal e que o criador descreve como tendo “uma força dramática que poucas vezes

encontramos no teatro”.

No segundo espectáculo associado aos 50 anos da CTA – comemorados também através de uma exposição desenhada pelo cenógrafo José Manuel Castanheira e de um ciclo de conversas com alguns dos elementos ligados à história da companhia –, o director da CTA e do Festival de Almada, Rodrigo Francisco, encenará um texto da sua autoria intitulado *Um Gajo nunca mais É a Mesma Coisa* (14 a 25 de Julho, Teatro Municipal Joaquim Benite), construído a partir de uma pesquisa realizada junto de ex-combatentes da Guerra Colonial. Luís Vicente, um dos actores, chama-lhe “um poema dramático dito em cinco vozes”. Depois de ter sido levado a um almoço de ex-combatentes, o dramaturgo e encenador quis mostrar “de que forma é que se relacionam com a guerra hoje em dia”, explicou ao PÚBLICO.

Zero eventos online

Como notou Rodrigo Francisco no início da apresentação à imprensa do Festival de Almada, são vários os colonialismos europeus que atravessam a programação deste ano. Rita Neves e Patrícia Couveiro, em *Corpo Suspenso* (9 a 12, Incrível Almadense), imergem também nas memórias da Guerra Colonial, tentando desbravar a ideia do “corpo como arquivo” e ultrapassar a barreira habitualmente erguida em torno destas memórias traumáticas. Mas os ecos do colonialismo soam também em *Aurora Negra* (2 a 5, Academia Almadense), criação de Cleo Diára, Isabel Zuua e Nádia Yracema em torno da invisibilidade dos corpos negros nos palcos portugueses, e em *Tierras del Sud* (8 a 11, Fórum Romeu Correia), peça franco-chilena em que Laida Azkona Goñi e Txalo Toloza-Fernández incidem sobre a Patagónia, expondo novas formas de colonialismo financeiro – é disso exemplo o caso que opõe o industrial Luciano Benetton



“**Só resolveremos as nossas tensões se falarmos delas [em vez de] irmos para as redes sociais incendiar o discurso**”

Rodrigo Francisco
Director do Festival de Almada

à comunidade indígena mapuche aqui colocado sob a lupa

Não tendo havido uma premeditação temática, a coincidência destes quatro espectáculos na programação leva Rodrigo Francisco a referir-se, em declarações ao PÚBLICO, “ao contributo importante que o teatro pode ter para se falar sobre aquilo que nunca se disse”. “Acho que só podemos resolver estas questões e estas tensões a que temos assistido se falarmos sobre elas. Será tanto pior quanto mais nos fecharmos nos nossos casulos e formos para as redes sociais incendiar o discurso.” Na apresentação à imprensa, a presidente da Câmara de Almada, Inês

de Medeiros, referir-se-ia ao palco de teatro como sendo “sempre um espaço político”, aproveitando para o defender como território de combate quando “vemos diariamente derrubadas barreiras da decência”.

Após os espectáculos, haverá também conversas para promover a discussão “cara a cara com os espectadores” sobre aquilo a que se assistiu em palco. “Tudo com zero eventos online, tudo presencialmente, para as pessoas se olharem e falarem sobre estas coisas”, sublinha Rodrigo Francisco.

Pesos-pesados

Em parte já anunciada, a programação internacional do Festival de Almada retoma este ano a política continuada deste acontecimento fulcral do calendário teatral português que, em diferentes momentos, apresentou por cá obras de criadores fundamentais dos palcos europeus como Peter Brook, Peter Stein, Christophe Marthaler, Katie Mitchell, Luca Ronconi, Giorgio Strehler, Patrice Chéreau ou Thomas Ostermeier. Na sua 38.ª edição, o festival receberá um dos pesos-pesados do teatro europeu, Ivo van Hove, com destacada carreira tanto à frente do Toneelgroep de Amsterdão como no circuito da Broadway, mas também o coreógrafo Josef Nadj e a superestrela italiana Monica Bellucci,

Omma, de Josef Nadj: a história do mundo contada pela dança; Corpo Suspenso, de Rita Neves e Patrícia Couveiro: mergulho na Guerra Colonial

108

A 38.ª edição do Festival de Almada contará com 108 sessões presenciais, sem qualquer extensão online

50

O cinquentenário da Companhia de Teatro de Almada, fundada por Joaquim Benite, será uma das âncoras desta edição

2

O Festival de Almada fará duas incursões na obra do meteórico escritor francês Édouard Louis, por Ivo van Hove e Ivica Buljan

vestindo a pele de Maria Callas (*Maria Callas – Lettres et Mémoires*, espectáculo de Tom Wolf, estará nos dias 10 e 11 no Centro Cultural de Belém, Lisboa).

Ivo van Hove apresentará uma de duas investidas do Festival de Almada na obra do jovem escritor francês de meteórica ascensão Édouard Louis – que, assim, se torna também um dos grandes protagonistas desta edição. *Quem Matou o Meu Pai* (8 a 10, Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa), dirigido por Hove, é um monólogo que, segundo Rodrigo Francisco, explora “de que forma o sistema está construído para que homens como o seu pai não tenham hipóteses”. Alguns dias antes, também Ivica Buljan abordará a obra do francês em *História da Violência* (2 a 5, Fórum Romeu Correia), partindo da violação sofrida pelo próprio autor. Quanto a Josef Nadj, o seu regresso a Almada far-se-á igualmente em dose dupla: com *Omma* (9 a 11, Teatro Municipal Joaquim Benite), peça para oito bailarinos africanos que se propõe contar a história do mundo pela dança, e dirigindo o curso para actores e bailarinos profissionais *O Sentido dos Mestres*.

A programação internacional é completada por *Amitié* (2 a 7, Incrível Almadense), encenação de Irène Bonnaud para um texto de Eduardo de Filippo e Pier Paolo Pasolini; *A Lua Vem da Ásia* (14 a 18, Incrível Almadense), em que Chico Díaz interpreta Walter Campos de Carvalho; *Molly Bloom* (20 a 25, Incrível Almadense), James Joyce por Viviane de Muynck e Jan Lauwers; *Miguel de Molina al Desnudo* (21 a 25, Academia Almadense), de Ángel Ruiz e por Félix Estaire; e o espectáculo de honra *Rebota Rebota y en Tu Cara Explota* (14 a 18, Academia Almadense), de Agnès Mateus e Quim Tarrida.

A representação portuguesa inclui a estreia de *Duas Personagens* (7 a 14, Teatro-Estúdio António Assunção), texto de Tennessee Williams interpretado e encenado por Carla Galvão e Sara de Castro, e as apresentações de *Planeta Dança – Capítulo 4* (10 e 11, Academia Almadense), de Sónia Baptista para a Companhia Nacional de Bailado (CNB); *Fake*, de Miguel Fragata e Inês Barahona (15 a 18, Fórum Romeu Correia); a recriação de *O Canto do Cisne* (16 a 18, Teatro Joaquim Benite), peça de Clara Andermatt para o Ballet Gulbenkian remontada agora na CNB; *Discurso sobre o Filho-da-puta* (16 a 23, Teatro-Estúdio António Assunção), texto de Alberto Pimenta com direcção de Fernando Mora Ramos e música de Miguel Azguime; e *Viagem a Portugal* (22 a 25, Fórum Romeu Correia), do Teatro do Vestido.

É possível que as sessões venham a ser ajustadas em funções de eventuais medidas de contenção da pandemia. Mas Rodrigo Francisco está “certo de que isso não impedirá as pessoas de virem ao teatro”.